

O Boletim de Conjuntura publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos, artigos empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

BOCA

Ano 1 | Volume 1 | Nº 1 | Boa Vista |

[www.revista.ufr.br/boca](http://www.revista.ufr.br/boca)

---



## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*Abigail Pascoal dos Santos<sup>1</sup>*

*Jemima Pascoal dos Santos e Silva<sup>2</sup>*

### Resumo

A contação de histórias é uma ferramenta didática indispensável para o desenvolvimento da capacidade leitora. O objetivo do estudo pautou-se em compreender a instrumentalidade da contação de histórias para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos da Educação Infantil. Para tal fim, o estudo pautou-se em uma pesquisa descritiva, quanto aos fins, qualitativa, quanto aos meios, partindo de um método Histórico-Dedutivo, tomando como base dados bibliográficos e documentais a respeito da instrumentalidade da contação de histórias e do papel do professor nesse processo. A contação de história quando mediada pelo professor adequadamente a partir de zelo da qualidade literária e uso de recursos favoráveis, promove ampliação do vocabulário, identificação e utilização de recursos linguísticos que permitem a valorização do texto, reflexão sobre a leitura. A postura do professor, portanto, deve compor um modelo a ser seguido por seus alunos, considerando sempre as observações oriundas de um olhar atento e sensível, o qual leva a intervenções adequadas para favorecimento da aprendizagem.

**Palavras-chave:** contação de histórias; didatismo; educação infantil; leitor; literatura.

### Abstract

Storytelling is an indispensable teaching tool for the development of reading skills. The objective of the study was to understand the instrumentality of storytelling for the cognitive and emotional development of Early Childhood Education students. To this end, the study was based on a descriptive research, as to the ends, qualitative, as to the means, starting from a Historical-Deductive method, based on bibliographic and documentary data regarding the instrumentality of storytelling and the role teacher in this process. Storytelling when properly mediated by the teacher based on zeal for literary quality and use of favorable resources, promotes the expansion of vocabulary, identification and use of linguistic resources that allow the valorization of the text, reflection on reading. The teacher's posture, therefore, must compose a model to be followed by his students, always considering the observations coming from an attentive and sensitive look, which leads to appropriate interventions to favor learning.

**Keywords:** child education; didacticism; literature; reader; storytelling.

## INTRODUÇÃO

A essencialidade da leitura na formação da criança relaciona-se ao crescimento interior, a partir de diferentes experiências e emoções. Por intermédio da fantasia a criança recebe estímulos sadios e enriquecedores imprescindíveis na consolidação de seu potencial de ver e de encarar possíveis situações

<sup>1</sup> Historiadora, psicopedagoga, gestora em Sistemas Educacionais, mestre e doutora em Ciências da Educação. E-mail para contato: [leile\\_lima@hotmail.com](mailto:leile_lima@hotmail.com)

<sup>2</sup> Internacionalista, gestora de Marketing, Geógrafa e mestre em Geografia. E-mail para contato: [jemimapascoalsofia@gmail.com](mailto:jemimapascoalsofia@gmail.com)



problemas, que levando em conta sua formação cognitiva própria da idade, seria impossível, devido a impasses que possam surgir pelo caminho.

A contação de histórias contribui com o processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil, tornando-se uma significativa ferramenta para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança fortalecendo e contribuindo com vínculos sociais, educativos e afetivos, aprimoramento das capacidades de leitura e escrita, bem como expansão do vocabulário e gosto pelo conhecimento.

Sob o ponto de vista sócio cognitivo, o ato de contar histórias estimula a leitura, a imaginação e fortalece o vínculo aluno-professor, sendo importante tanto para o aluno quanto para o professor, que pode fazer uso desse momento de interação e afinidade para resolver algum conflito que possa surgir ao longo do dia, usando de referência algum conto ou fábula que englobe o assunto a ser discutido, usando os alunos envolvidos como personagens, partes do conflito, com seus respectivos pseudônimos e de uma forma “quase que inconsciente” por parte da criança, mudar sua forma de ver o mundo, de enxergar o outro, desenvolvendo o sentimento de empatia para com o próximo, pois o egocentrismo impera de forma mais aguda em algumas crianças do que em outras.

A justificativa pessoal parte da percepção de que a contação de histórias na Educação Infantil é imprescindível para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem da criança como ser pensante e crítico, uma vez que tal temática foi escolhida a partir das observações derivadas da experiência docente no ensino superior, onde as autoras perceberam a necessidade de difusão de instrumentos e técnicas que favoreçam a atuação de professores.

A problemática da pesquisa relaciona-se ao papel do processo de contação de histórias no processo de desenvolvimento da criança, sendo, a problemática, sintetizada na seguinte pergunta: como a contação de história poderá melhorar o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos da Educação Infantil?

A partir de tal temática são delineados os objetivos da pesquisa. O objetivo geral reflete o intuito de compreender a instrumentalidade da contação de histórias para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos da Educação Infantil.

Por conseguinte, os objetivos específicos são: conjecturar os limites da utilização da contação de histórias na Educação Infantil; refletir sobre as possibilidades de aplicação da contação de histórias enquanto recurso lúdico e prazeroso na mediação do desenvolvimento das crianças quanto à sua capacidade leitora.



## REFERENCIAL TEÓRICO

### A contação de histórias e seus encantos

O processo de contar histórias promove e estimula a leitura, o escrever, o desenhar, o imaginar, o brincar. Por meio das histórias a criança é imersa em uma zona que lhe desperta diferentes emoções: alegria, medo, tristeza, bem-estar, insegurança, entre tantas outras e assim ela aprende a lidar com sentimentos até então desconhecidos por elas. Dessa forma a contação de história é uma ferramenta que o professor pode utilizar para propiciar uma aprendizagem de forma lúdica, recreativa, criando e fortalecendo laços afetivos.

Além disso, a história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, levando-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família, moral e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolver a oralidade, a criatividade e o pensamento crítico, auxilia na construção de identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo caráter motivador na criança (CARDOSO; FARIA, 2016, p. 08).

O docente ao contar uma história está norteando um elo entre o leitor e o livro, algo muito necessário, sobretudo quando se leva em consideração a atual conjuntura da geração que nasce envolvida pelo mundo das tecnologias, onde sem querer a criança pode pular etapas da infância, pois a informação chega de forma tão repentina por meio de aparelhos celulares, tabletes e computadores, que muitas vezes a criança não está preparada para saber de certos assuntos, não tem maturidade psicológica para lidar com possíveis conflitos.

É possível observar nos filmes mais antigos que a hora da leitura é um momento inserido no cotidiano da criança, como rotina, uma ocasião esperada por ela, na qual o pai ou a mãe a colocam para dormir, mas, antes disso, contam-lhe uma história, por vezes, deixando a continuação para o outro dia, abrindo caminho para a imaginação da criança, estimulando o pensamento crítico, a resolução de conflitos, desenvolvendo a capacidade de ideias e possíveis soluções, elaboração de planos, aguçando a curiosidade, enfim, diversas possibilidades em uma dimensão vasta onde tudo é possível: o mundo da imaginação.

A escola pode ser mais do que um lugar onde a criança passa algumas horas do seu dia para aprender a ler e a escrever, a escola molda futuros cidadãos, direta e indiretamente, lá ocorre o primeiro contato dela com uma sociedade, onde ela aprende sobre direitos e deveres, que o outro também é importante e tem suas necessidades, a respeitar o espaço do outro e porque não aprender a sonhar? É preciso construir boas lembranças na infância. Para Sigmund Freud:



Não é surpreendente descobrir que a psicanálise confirma nosso reconhecimento do lugar importante que os contos de fadas populares alcançaram na vida mental de nossos filhos. Em algumas pessoas, a rememoração de seus contos de fadas favoritos ocupa o lugar das lembranças de sua própria infância; elas transformam esses contos em lembranças encobridoras (FREUD 1913, p. 355).

Segundo Coelho (1999), a história não acaba quando chega ao fim, ela permanece na mente da criança, que a incorpora como um alimento de sua imaginação criadora. Além de ser uma atividade lúdica, o ato de contar histórias trabalha a emoção, a socialização, a atenção, é uma nova forma de ensinar e de aprender.

Contar história não é simplesmente ler algo que está escrito em um papel. Nos primórdios, o chamado narrador, que existe desde os tempos medievais, era uma figura bastante presente nas cortes, como forma de entretenimento, uma vez que suas histórias serviam para ajudar a entender um mundo tão cheio de incógnitas, abrindo caminhos de possibilidades tanto para adultos quanto para as crianças, que, na época, eram vistas como adultos em miniatura.

Para que haja um real interesse da parte do ouvinte, já tão habituado com as tecnologias atuais, é necessário que o contador utilize recursos, como a construção de um cenário propício, uma caracterização não precisamente caricata, mas que fique subjetivo na imaginação da criança, que naquele momento o professor é um mediador, um personagem, um contador.

É necessário uma entonação de voz diferente, pois, assim como nos filmes, há a trilha sonora, que é importante para preparar o telespectador para momentos impactantes que estão por vir, a trilha do suspense, por exemplo, prende a atenção, pois quem está assistindo já sabe que algo muito importante vai acontecer, então a concentração é maior.

Assim deve acontecer com a entonação de voz, sendo de acordo com cada momento contado na história, uma voz para o vilão, para o narrador, para a mocinha (o), despertando assim o interesse do ouvinte transportando-o assim para o mundo da magia e imaginação.

Existem vários tipos de histórias que podem ser exploradas para diversos fins, como os contos clássicos, as lendas folclóricas, as fábulas. Todas elas podem ser trabalhadas. Segundo o ponto de vista de Garcia (2003, p. 10), a expressão:

“Era uma vez...” tem sido a senha para se entrar no maravilhoso mundo dos contos, mitos, lendas e fábulas. Basta que alguém diga essas três palavrinhas mágicas, que o encanto acontece, e nós, adultos e crianças, como que hipnotizadas, esperamos que o contador prossiga com sua narrativa. Por que isso acontece? Porque ao ouvirmos uma história temos a possibilidade de refletir sobre a vida, sobre a morte, sobre nossas atitudes e escolhas [...]



Os contos clássicos proporcionam a tão fantasiada viagem ao mundo da imaginação, idealizar como seria ser um príncipe, um rei, uma princesa, uma rainha, que antes do final feliz sempre enfrenta conflitos até o tão sonhado feliz para sempre.

As lendas folclóricas, na sua maioria de origem indígena, ajudam no primeiro contato com uma cultura que não é tão conhecida pelas crianças, ajudam a entender de forma lúdica o surgimento de alguns elementos, como a lenda da mandioca, do trovão, do curupira (que protege as matas, despertando no ouvinte o sentimento de preservação da natureza), o folclore, principalmente o brasileiro, é tão rico e cheio de personagens, com uma vastidão de possibilidades, de caminhos a serem percorridos pelo educador.

Já as fábulas servem como um demonstrativo de possíveis situações que possam aparecer pelo caminho, fábulas sempre são acompanhadas de uma moral da história e podem ser usadas como ferramenta pelo docente para possibilitar resolução de conflitos, algumas fábulas famosas como “A Cigarra e a Formiga”, “Os Três Porquinhos”, “A Raposa e as Uvas”, entre outras.

Na primeira é possível trabalhar o conceito do trabalho em equipe, a segunda trata da questão da preguiça e as consequências de um trabalho mal feito, a terceira alude sobre o sentimento de frustração, de desprezo às coisas que não se pode alcançar, como se o valor delas pudesse ser diminuído.

Em relação à moral das fábulas:

A moral contida nas fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias (GÓES, 1991, p. 144).

Destaca-se, assim, o mundo de possibilidades e caminhos que podem ser percorridos pelo professor, recursos variados, objetivos a serem alcançados de forma lúdica. A escola deve dar um suporte a tal processo e todos devem abraçar essa ideia, principalmente o professor/contador, levando em consideração que o ato de contar história é muito mais do que um momento de descontração, é também um momento de aprendizado, crescimento psicossocial, de assimilação, de resolução de conflitos, de amadurecimento, de despertar emoções e sentimentos desconhecidos.

Na fase pré-escolar, a contação de história contribui também para alavancar o desenvolvimento cognitivo e emocional. No quesito cognitivo, a contação é uma rica fonte de novos vocabulários, além de dar suporte no processo de alfabetização e letramento, ajuda a criança a se expressar melhor, sabendo explicar, descrever situações de uma forma mais coesa, seguindo a métrica da história, onde existe o início, o meio e o fim.



Tendo o vocabulário mais ampliado e a imaginação aguçada, o professor pode explorar inicialmente por meio de garatujas e rabiscos, seguindo um plano-sequência e posteriormente, trabalhar a motricidade com as palavras, desenvolvendo a coesão e coerência na escrita, futuramente.

No que tange ao desenvolvimento emocional, a contação de história é uma forma de o professor resolver situações-problema no cotidiano da sala de aula. A criança nessa fase está descobrindo o mundo e se descobrindo também. Assim como no cognitivo onde ela aprende novas palavras e em consequência sabe se expressar melhor, dando nome a objetos e descrevendo situações, a contação vem para fortalecer ainda mais seus sentimentos e sensações.

A criança está se descobrindo como pessoa, como indivíduo, e, por meio do convívio com os colegas e professor(a), depara-se com sentimentos novos, como a inveja, raiva, egocentrismo, ciúme, tristeza e é comum ela não ter maturidade para lidar com isso. Nas histórias infantis sempre existe o bem e o mal, descritos como personagens, o protagonista e o antagonista, respectivamente.

Tais personagens sempre estão inseridos em um enredo de conflito, conflito esse, gerado por sentimentos presentes na vida desse ser, tão imaturo mentalmente ainda para perceber que o fato de não saber lidar com inveja, o ciúme, a raiva, o medo, enfim, pode levar a situações desagradáveis, de desavença podendo causar a exclusão de um aluno ou mais do grupo de convívio.

O professor atento a tal situação usa histórias como referência para a criança aprender a lidar com esses sentimentos, de forma lúdica, criando até mesmo uma história baseada no conflito, colocando as partes envolvidas como personagens centrais, invertendo os papéis, para que assim os pares possam se colocar no lugar do outro, trazendo uma mudança de comportamento nos alunos, possibilitando a melhora da convivência em grupo, desenvolvendo o companheirismo e trabalho em equipe.

É importante que o professor saiba qual meta deseja atingir e, antes dele incorporar um personagem, deve saber o conteúdo que está sendo trabalhado e se supre ou não os seus objetivos, o conto, a lenda ou a fábula a ser utilizada deve ser revisada e estudada por todos os ângulos para que a seja aproveitada por todos inseridos no processo de ensino e aprendizagem.

## PERCURSO METODOLÓGICO

### Caracterização metodológica

A pesquisa possui natureza, *quanto aos fins*, pautada no modelo de pesquisa descritiva e explicativa, cuja aplicação tem por finalidade proporcionar uma maior compreensão do fenômeno por meio de um detalhamento conceitual e melhor apreciação do objeto investigado.



Quanto aos *meios*, a pesquisa configura-se como qualitativa, a qual busca aprofundar a compreensão subjetiva sobre a temática em questão. A pesquisa qualitativa, nesta perspectiva, configura um esforço em se opor ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (GOLDENBERG, 1997).

Na pesquisa qualitativa pretende-se produzir “informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações” (DESLAURIERS, 1991, p. 58), contribuindo para uma concepção que o tamanho das informações é irrelevante quando se leva em consideração o que elas são capazes de dizer.

Por fim, quanto ao *método*, a pesquisa norteia-se pelo método Histórico-Dedutivo por meio do qual toma-se como ponto de partida a percepção de uma lacuna nos conhecimentos, a respeito da qual são formuladas hipóteses e, com base no processo de inferência dedutiva, realiza-se o teste da predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese (MARCONI; LAKATOS, 2003).

## Levantamento de dados

O primeiro instrumento de levantamento de dados pauta-se na pesquisa bibliográfica a qual viabiliza um apanhado geral composto pelos principais trabalhos já desenvolvidos a respeito da temática em questão, cuja importância deriva da capacidade de fornecer dados atuais e relevantes ligados ao tema. A pesquisa bibliográfica é concebida como:

[...] o estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações. A soma do material coletado, aproveitável e adequado variará de acordo com a habilidade do investigador, de sua experiência e capacidade em descobrir indícios ou subsídios importantes para seu trabalho (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 108).

Em tal perspectiva, a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base tanto em fontes primárias quanto secundárias. Conforme as autoras Marconi e Lakatos (2003), as *fontes primárias* são oriundas de dados históricos, bibliográficos e estatísticos, informações, pesquisas e material cartográfico, além de arquivos oficiais e particulares, registros em geral, documentação pessoal ou ainda correspondência pública ou privada. Já as *fontes secundárias* são obtidas por intermédio da imprensa em geral e ainda de obras literárias.





## Procedimentos de análise de dados

A respeito do primeiro procedimento de análise, optou-se pela revisão bibliográfica para abordagem da temática. Quanto ao segundo procedimento de análise de dados, foi escolhida a revisão documental, por meio da qual foi possível conhecer os parâmetros da contação de histórias (GIL, 2017).

O método de abordagem mista foi escolhido para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que este intercala diferentes elementos de análise qualitativa, os quais, conforme aponta Gil (2002), caracterizam-se como uma série de atividades, que envolvem a redução dos dados, a categorização desses dados, interpretação e a redação da análise, por permitir demonstração factual de valores absolutos ou relativos ligados aos dados coletados (MARCONI; LAKATOS, 2003).

O método comparativo é um estudo descritivo de averiguação da analogia entre elementos de uma estrutura, uma vez que, nas classificações, permite a construção de tipologias e a nível de explicação, pode, até certo ponto, apontar vínculos causais, entre os fatores presentes e ausentes.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### Contação de histórias: técnicas e os recursos

A atuação do professor enquanto contador de histórias é o fator mais importante no processo de contação de histórias. Diversos aspectos devem ser levados em consideração para o sucesso da narrativa em sala de aula: espaço físico, expressões e gestos, materiais disponíveis, entre outros.

O ambiente envolve toda a estrutura e adequação do espaço físico, devendo ser harmonioso e envolvente, preferencialmente sem existência de distrações externas, organizado de modo que possibilite que as crianças possam ficar agrupadas (BERNARDINO e SOUZA, 2011).

As expressões e gestos utilizados pelo professor/contador devem convergir de forma a imitar os personagens, no tom da voz, movimentos, entre outras manifestações corporais e vocais que contribuam para construção da fantasia.

Os recursos e materiais disponíveis configuram-se como elemento essencial na construção da fantasia e são inúmeras as opções possíveis de serem agregadas à prática da contação de histórias. Como aponta Bernardino e Souza (2011, p. 244):

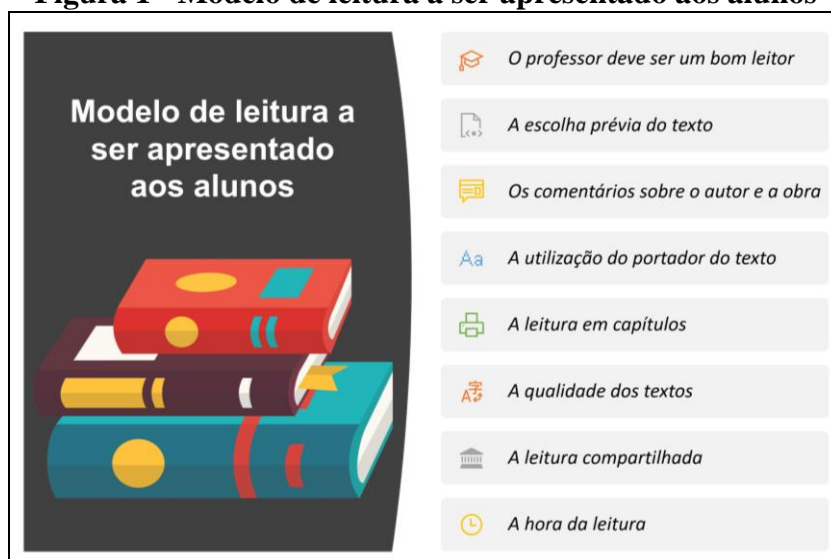
[...] a preparação de um baú ou prateleiras com livros infantis, um tapete de feltro colorido com recortes dos personagens das histórias, um avental com velcro onde os personagens possam ser fixados, fantoches ou deboches, os fantoches de vara, de mão e de dedo são excelentes recursos para contar histórias aos pequenos, além disso são estimuladores da imaginação e da linguagem,



facilitando a concretização das fantasias e a expressão dos sentimentos. Os bonecos atraem as crianças proporcionando o prazer de dar vida e voz a eles; graças ao fantoche pode-se superar a timidez que dificulta a comunicação e podem ser expressos sentimentos. O teatro de fantoches ensina a criança a prestar atenção no mundo sonoro, é um excelente recurso didático onde os professores podem abordar assuntos do conteúdo programáticos, focalizando o interesse para o assunto proposto, enriquecendo a aula.

Entre os diversos recursos, é possível ainda identificar a possibilidade de utilização da música a qual pode ser usada com significativa influência no nível de envolvimento dos ouvintes, tendo poder de alterar o comportamento, inclusive incentivando a realização das atividades com maior prazer, dispondo o professor / contador de uma ampla variedade de músicas infantis que podem ser utilizadas nas diferentes modalidades e estratégias educacionais. A figura a seguir esboça o modelo de leitura a ser apresentado aos alunos.

**Figura 1 - Modelo de leitura a ser apresentado aos alunos**



Fonte: Elaboração própria. Baseada em Pessoa (2012).

O modelo de leitura a ser apresentado aos alunos refere-se a alguns quesitos inerentes à atuação do professor na mediação da leitura, seja na Educação Infantil ou mesmo no Ensino Fundamental. O quadro a seguir trata com mais especificidade tal modelo de leitura.



## Quadro 1 - Modelo de leitura a ser apresentado aos alunos

- *O professor deve ser um bom leitor*: importa que o docente tenha a competência leitora, atuando como uma referência / modelo para o aluno e concedendo sentido ao texto.
- *A escolha prévia do texto*: a seleção do texto deve ser prévia e cuidadosa, adequada ao perfil dos alunos, viabilizando a exploração de diversos recursos a serem utilizados pelo autor.
- *Os comentários sobre o autor e a obra*: o professor deve selecionar algumas informações a respeito do autor (como sua biografia, obras, outros).
- *A utilização do portador do texto*: A leitura deve, necessariamente, ser realizada diretamente no seu portador, não devendo ser reproduzido (manual ou mecanicamente). Se o texto lido é uma matéria jornalística, o professor deverá levar, para a sala de aula, o próprio jornal, na íntegra.
- *A leitura em capítulos*: para mostrar aos alunos o comportamento leitor, a leitura deve ser feita em capítulos, com eventual leitura diária, levando os alunos a estarem ávidos pela retomada da leitura.
- *A qualidade dos textos*: os bons modelos funcionam como pilares nos quais o professor deve se apoiar quando está aprendendo algo. O que não é compreendido pelo aluno deve ser discutido na coletividade, com envolvimento de todos na discussão, tendo em vista o levantamento e esclarecimento / validação de hipóteses por parte do professor. O enriquecimento do vocabulário dos alunos parte, também, da qualidade do texto, seja no contexto ou na consulta ao dicionário.
- *A leitura compartilhada*: quando todos (mesmo em dupla ou trio) têm acesso ao texto escrito (ou projeção visual) permitindo aos alunos a observação das pausas que o professor realiza na leitura, mudança na entonação, expressão mais acentuada e demais traços do comportamento leitor adotado por um leitor mais experiente, na sua interação com o texto escrito.
- *A hora da leitura*: a leitura precisa ocupar um lugar de destaque; precisa ser planejada, fazer parte da rotina, de preferência, no início da aula (momento em que os alunos estão chegando à escola e, portanto, estão mais dispostos). Isso facilitará para que a leitura seja desejada e esperada.

Fonte: Elaboração própria. Baseada em Pessoa (2012).

O papel do professor é indispensável ao desenvolvimento da competência leitora, sobretudo nessa fase de aprendizagem, uma vez que o professor estabelece os critérios que os alunos terão como base de referência. As escolhas que o professor faz para a leitura são marcadamente subjetivas, segundo critérios pessoais. Existem obras, considerados best-sellers, que podem não agradar a todos os ouvintes / leitores. Assim, o professor deve mediar discussões relativas às leituras propostas, permitindo manifestações livres dos alunos, zelando pela apresentação de argumentos pertinentes relativos às impressões obtidas na leitura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo pautou-se no objetivo de compreender a instrumentalidade da contação de histórias para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos da Educação Infantil, bem como apontar qual o papel do professor na mediação do processo de leitura nessa fase escolar.

A partir de tal levantamento foi possível observar o papel do professor na mediação do contato com textos de qualidade literária, ampliação do vocabulário, identificação e utilização de recursos linguísticos que permitem a valorização do texto, reflexão sobre a leitura (semântica, ortografia,



gramática, entre outras análises), potencialização da autonomia, tomada de decisão, capacidade de resolução de conflitos, findando em um mergulho prazeroso no universo da leitura.

Ao ler para os alunos, o professor agrega vida ao texto. Tal prática deve permear todas as práticas pedagógicas nos anos iniciais da Educação Infantil, bem como nos anos finais desse ciclo. Toda a postura do professor (expressões, gesticulações, ritmo, fluência, entre outras) revela um modelo a ser seguido por seus alunos. Importa que tal modelo de leitura seja de qualidade.

## REFERÊNCIAS

BERNARDINO, A. D.; SOUSA, L. O. “A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental”. **Educere et Educare**, vol. 6, n. 12, 2011.

CARDOSO, A. L. S.; FARIA, M. A. “A Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil”. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, vol. 7, n. 1, 2016.

COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

DESLAURIERS J-P. **Recherche qualitative; guide pratique**. Québec: McGrawHill, Éditeurs, 1991.

FREUD, S. *A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de contos de fadas*. Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XII, 1913.

GARCIA, W. Et al. **Histórias e oficinas pedagógicas**. Belo Horizonte: Fapi, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. São Paulo: Editora Record, 1997.

GÓES, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Editora Pioneira, 1991.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

PESSOA, L. **Metodologia e Prática do Ensino da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Sol, 2012.



## **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)**

Ano I | Volume 1 | Nº 1 | Boa Vista | 2019

[www.revista.ufrr.br/boca](http://www.revista.ufrr.br/boca)

### **Editor chefe:**

Elói Martins Senhoras

### **Conselho Editorial**

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### **Conselho Científico**

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodécia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima